

A EDUCAÇÃO PELO AMOR SUBSTITUINDO A EDUCAÇÃO PELO TEMOR

Por Robert Baden-Powell



Robert Baden-Powell chegando na estação Cornavin, em Genebra, proveniente de Paris, em 31 de julho de 1922.

A EDUCAÇÃO PELO AMOR SUBSTITUINDO A EDUCAÇÃO PELO TEMOR

Por Robert Baden-Powell

Titulo original:

Educacion in love in place of fear

Palestra de Robert Baden-Powell apresentada em 1^o de agosto de 1922 ao 3^o Congresso Internacional de Educação Moral, em Genebra - Suíça, e publicada na revista *JAMBOREE: The World-wide Scout Journal* - nº 9, em janeiro de 1923.

Tradução de Américo Jacobina Lacombe, no ano de 1928

A PREDOMINÂNCIA DO TEMOR

Vendo um dia, num templo do Oriente, um Deus de três faces, representando o Amor, o Ódio e a Paz, perguntei qual das três faces tinha maior número de adoradores. Responderam-me que a maior parte das oferendas era dedicada ao Ódio. Não que o povo desejasse o Ódio, mas o temor do ódio dos outros fazia-lhe procurar a proteção do gênio mau.

Parece um absurdo, à primeira vista, que essa gente fosse assim dominada pelo temor. Mas, se refletirmos, não é o medo, afinal, que rege a política em todos os países do mundo?

Queremos paz, e por isso preparamo-nos para a guerra, temendo o ataque do inimigo. Pregamos a paz, mas pelo terror dos horrores da guerra. Na organização dos governos, se apelamos para a representação das diversas classes, é que temos medo da legislação de uma classe em particular. E, em grande parte, praticamos o bem, pelo receio das conseqüências – *de ordem legal ou sentimental* – que se seguem à descoberta das nossas faltas. O medo da pobreza obriga-nos a ganhar dinheiro. E não é tão comum ser o temor o não o amor de Deus, a base da moralidade, isto é, a superstição substituir a fé?

No exército e na marinha, a pretendida disciplina é obtida, principalmente, com ameaças de punição. E, antigamente, a educação dos meninos estava baseada no mesmo princípio.

Os fortes serviram-se do medo como de uma arma para aterrorizar os mais fracos.

UMA NOVA ORIENTAÇÃO SE IMPÕE

Os cristãos, quando rezam, pronunciam uma oração chamada de “Pai Nosso”. Esta oração fala em um Deus de quem somos todos filho. De um Pai – não de um tirano – e diz que esperamos que ele possua um dia tudo o que lhe pertence aqui na terra.

Deus é amor. É, pois, o reino do amor que pedimos. E, no entanto, suportamos o jogo do temor.

Não podemos nós, não satisfeitos de rezar passivamente pelo reino do amor, fazer alguma coisa que apresse a sua vinda? Creio que sim.

Como diz o reverendo Alfredo Wishart: “O homem é, em grande parte, responsável pelo estado social existente. E se esta situação provoca a guerra, a pobreza, o crime e a moléstia, é dever do homem remediar a esses males, fontes de sofrimentos humanos.

Mas os que são os agentes da desgraça humana não reconhecem a sua responsabilidade, porque dizem que a Deus é que compete salvar e curar. Esse hábito de atirar para Deus a responsabilidade das condições de vida de que o homem é, de fato, o responsável, engana os homens e impede a adoção dos remédios adequados”.

Para desarraigar o mal definitivamente, é necessário substituí-lo por uma outra influência, pelo bem. Para abolir o domínio do temor, é preciso substituí-lo por uma outra influência, não menos poderosa.

Se nos casos acima citados, substituíssemos o temor pelo amor, veríamos logo diminuir a pobreza, o crime, as moléstias nos respectivos países, e, pela mútua confiança, sem maldade e com boa vontade, a paz surgiria entre as nações.

A SITUAÇÃO ATUAL DA EUROPA AMEAÇA A MANUTENÇÃO DO MILITARISMO

A Guerra que devia matar a guerra, concedeu a alguns Estados pequenos os dons preciosos da liberdade e da livre-determinação. Mas, seguiu-se o efeito da lição que foi esta guerra, e, porque estes Estados temem pela sua segurança, há agora¹ mais países armados do que em 1913.

Alguns dos grandes exércitos de então, estão substituídos por numerosos exércitos de menos importância, mas que formam, no total, maior número de homens armados. Isto é, muito mais centelhas prontas para atear um incêndio.

O sistema da livre determinação levou certas nações a exagerarem suas ambições nacionais quando, muitas vezes, elas ainda não conseguiram se organizar. Não tiveram paciência de percorrer as lentas etapas da evolução, preferindo os métodos mais rápidos da revolução.

Em princípio, a revolução tem por fim libertar o povo. Praticamente, ela se tem manifestado como uma das formas mais brutais do militarismo.

Não é a supressão dos exércitos que acabará com a guerra, como não será a abolição da polícia que acabará com os crimes. É preciso suprimir a causa da guerra: os exércitos são antes o efeito, o resultado da desconfiança e

¹ O texto refere-se ao ano de 1923, quando o artigo foi escrito.

do espírito combativo.

E entramos em pleno domínio da educação. Até agora, quase sempre, quando uma dificuldade surge entre os povos, acostumamo-nos a pensar na guerra. E a situação atual da Europa ameaça-nos ver continuar o reino do temor.

O ensino acadêmico mostrou a sucessivas gerações a história nacional, como uma série de guerras vitoriosas, muitas vezes omitindo deslealmente as derrotas, caluniando os inimigos ao mesmo tempo que exaltando todos os atos de seus filhos, ainda que fossem simples atos de pirataria.

Estaria chegado o momento de mudar tudo isto: de ensinar às novas gerações as vitórias pacíficas de seu país, e de ensinar-lhes a pensar nos outros países pacificamente.

URGE SUBSTITUIR A EDUCAÇÃO MILITAR POR OUTRA EDUCAÇÃO

Pessoalmente, como soldado durante a maior parte da vida, já vi alguma coisa dos horrores e da brutalidade da guerra, este assassinio autorizado pelo homem, das criaturas de Deus, nossos irmãos – e já vi também, os lares arruinados e os martírios das mulheres e das crianças inocentes.

Por outro lado, pude também verificar as magníficas qualidades de coragem que suscitam a guerra e a arte militar, qualidades que se encontram, indiscutivelmente, nos jovens das nações mais guerreiras.

A renúncia que exige a aceitação de uma disciplina rude, a resistência, a leal camaradagem, o espírito de solidariedade, o heroísmo e a energia com que os homens afrontam uma morte certa pelos seus países, tudo isto, deve-se confessar, é uma conseqüência geral da educação militar que desenvolve no homem a virilidade do corpo, da inteligência e da alma.

Por isso temem alguns que a supressão dos exércitos venha a atrofiar e mesmo extinguir essas preciosas qualidades viris.

Em um notável artigo intitulado “O Equivalente Moral da Guerra”, publicado no *Atlantic Monthly Journal*, William James admitia a idéia de que era chegado o tempo de imaginar alguma coisa para substituir a educação com o fim guerreiro; alguma coisa que conduzisse à paz, sem “desvirilisar” os homens, sem transformá-los em poltrões.

A história da queda do Império Romano confirma a força desta verdade. Por isso, algumas nações conservam ainda o serviço militar, menos em vista da guerra do que como meio de educação e para preservar a raça do desaparecimento das qualidades viris.

PODE UMA NAÇÃO CONSERVAR SUA VIRILIDADE SEM O MILITARISMO ?

Poucos contestarão a necessidade da conservação da virilidade e do caráter de uma raça. É necessário achar um meio de alcançar esse fim, sem preparar os homens com um fim guerreiro.

W. James sugere uma solução para desenvolver a resistência e a disciplina que teria, ainda, a vantagem de dar ocasião às classes ricas e desocupadas para ganharem virilidade tal qual os deserdados da fortuna. Ele quer o recrutamento durante um certo número de anos de toda a mocidade do país, que trabalharia, não no exército, mas nas usinas de carvão e de ferro, nos trens de carga, a bordo dos navios de pesca, na construção de estradas, de túneis, nas fundições ou na construção de edifícios.

Não há dúvida que seria um meio magnífico de desenvolver a existência dos rapazes. Resta saber até que ponto os construtores e industriais estarão dispostos a educar, à sua custa, a mocidade inapta.

Mas a resistência física não é a única qualidade necessária. Sem dúvida, todos esses trabalhos teriam a vantagem apreciável de enrijecer o indivíduo e de abolir a separação das classes, mas de que modo contribuiriam para a formação do caráter? E é esta, exatamente, a necessidade mais premente da educação futura.

A vida do mar, com as qualidades que exige de disciplina, audácia, engenhosidade, com as ocasiões que oferece de se por em contato com os povos estrangeiros e a facilidade de por em prática as qualidades seria um meio a preconizar, sem dúvida, se todos esses trabalhos pudessem estar ao alcance de todos. Mas a pequena extensão do comércio marítimo reduziria-o a uma percentagem mínima.

O esporte internacional seria, também, um bom meio de desenvolver a virilidade e a amizade recíproca.

Mas os operários e os fracos seriam excluídos. De mais a mais, em todas estas soluções, não se considera senão um sexo – o masculino – quando o homem reparte, hoje, com a mulher, o trabalho do mundo. Depende, mais dela que do homem, a saúde da alma e do corpo da geração futura. A educação racional da mulher é, pois, de importância no mínimo igual à do homem. Ela precisa receber o mesmo desenvolvimento.

A AUTO-EDUCAÇÃO DO CARÁTER É POSSÍVEL

Não teremos nós para apresentar aos jovens, ideais que, sem inculcar gostos guerreiros e sanguinários, lhes despertem aspirações viris, a admiração da coragem e da audácia, da independência e do heroísmo, da abnegação e de costumes cavalheirescos?

Perguntemos aos rapazes quais os livros que lêem. Eles lêem, é verdade, descrições de batalhas e de combates, mas se perguntarmos quais os preferidos, responderão que apreciam muito mais as aventuras em terra e no mar, explorações dos sertões, as grandes caçadas, a vida nos campos, a aviação e outras narrações em que aparecem as virtudes viris.

E mesmo que não saibam ou não gostem de ler, são raros os rapazes que não imitem em seus jogos ou brinquedos dos heróis destas histórias.

Qual o rapaz que não tem interesse pelas artes, pelos costumes, e os hábitos dos índios ou Zulus? O prazer de construir um barco, de explorar uma terra desconhecida, de realizar ascensões em montanhas altas, de colecionar objetos de história natural pelos matos, o campismo, a ciência das florestas, os trabalhos dos pioneiros, tudo isto os entusiasma.

É preciso saber servir-se de todos esses atrativos para “dourar a pílula” da educação. A educação, tal como a entendo, não consiste em introduzir no cérebro da criança uma certa dose de conhecimentos, mas sim, em despertar-lhe o desejo de conhecer e indicar-lhe o método de estudo.

Além da formação puramente escolar, a educação moderna procura desenvolver o caráter, a habilidade técnica e a saúde do corpo. Esse desenvolvimento poderá ser alcançado por meio das atividades enumeradas acima, desde que se elabore um sistema inteligente e hábil.

Vejam, ainda, que a vida ao ar livre, com suas ocasiões de estudar as coisas da natureza, o campismo, as explorações, a cartografia, os “croquis” feitos em excursões, tudo isso não atrai menos vantagens para os moços. É, pois, a mocidade do mundo inteiro que está a espera dessa educação viril, pronta para recebê-la, bastando, para isto, ser posta ao seu alcance.

E esta educação seria uma auto-educação voluntária, em que a mocidade colocaria toda a sua energia e todo seu entusiasmo.

Esta instrução poderia ser dada fora das horas de aula, pois não convém que os estudos escolares fiquem prejudicados – durante o tempo de folga, durante o qual, tão comumente, ocupações inconvenientes vêm comprometer o trabalho realizado na escola.

A idéia que expomos deverá ter, pois, a aprovação dos professores.

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Mas há, ainda, maiores horizontes a desvendar. Se quisermos pôr término ao reino do terror e instaurar a paz no mundo, o remédio será antes a educação da nova geração em vista das boas relações internacionais, do que uma legislação de limitação de armamentos, para a qual tendem vários países atuais.

Os ideais e os modos de atividade a que me referi acima, têm o mesmo atrativo para rapazes e moças de qualquer nacionalidade.

Todas as crianças do mundo se assemelham bastante, psicologicamente falando, até o momento em que, crescendo, se orientam em diferentes direções, segundo os meios diversos.

Elas se assemelham, primeiro, no ardor com que recebem as idéias e com que se dedicam às ocupações da sua idade que realmente lhes interesse. De modo que, para aplicar uma educação universal, temos, neste entusiasmo, um terreno preparado, graças ao qual estamos com metade da obra realizada.

Em vez de recrutamento, teremos o esforço voluntário da mocidade.

Graças à comunhão de interesses, ao intercâmbio mais fácil, e uma grande semelhança de sistemas de educação, as particularidades nacionais apagam-se dia a dia, e tendemos, de um modo mais efetivo, para a realização do bem geral do mundo.

Já se realizaram, mesmo, experiências no terreno de uma educação internacional.

Uma formação uniforme, no campo das atividades que indiquei, não parece, pois, uma coisa irrealizável, contando que ela receba uma boa animação e que se faça a propaganda necessária.

Cada país tem seus jogos nacionais que são conhecidos pela mocidade. Se pudéssemos colocar as atividades que falei no mesmo nível que os jogos nacionais, não haveria menino nem menina que não se interessasse.

Não seriam somente os mais fortes e mais vigorosos que se entusiasmassem, pois esses exercícios são tão variados que mesmo os fracos, física ou mentalmente, aproveitariam tudo de que fossem capazes e não poderiam senão lucrar.

Se conseguíssemos, pois, fazer adotar esses exercícios em várias nações, não beneficiaríamos somente a saúde física e moral da mocidade, mas, por meio dos interesses comuns, essa mocidade cresceria em um ambiente de compreensão mútua muito mais largo e uma nova simpatia pelos outros povos.

Teríamos então alcançado o nosso ideal de fazer a mocidade pensar “com sentimentos de paz”, sem contudo abdicar de suas qualidades viris.

FORMAÇÃO ESCOTEIRA: MASCULINA E FEMININA

Essa pergunta já pode ser respondida. O projeto foi realizado. Ainda que jovem, o escotismo, quer masculino, quer feminino, conta atualmente, (1923) com dois milhões de membros entre as novas gerações dos diferentes países do mundo. Há escoteiros de quase todas as regiões.

Já formam eles uma fraternidade verdadeira, tendo como objetivo a valorização do indivíduo para melhor servir a todos. Haverá programa cívico mais elevado?

Mas, disse eu, o movimento é ainda novo, insuficientemente conhecido e compreendido em certos países. Eis porque passo agora a expô-lo, indicando as possibilidades que ele compreende.

O princípio sobre o qual repousa a organização é o mesmo para menino e meninas, ainda que os detalhes sejam diferentes.

Do mesmo modo, para todas as idades das crianças, o princípio é sempre idêntico, mas as aplicações diferem. Há, pois, uma progressão. E mais ainda, esse princípio dá, e tem dado, os mesmos resultados em todos os graus sociais, desde os mais elevados aos mais baixos. Tende, portanto, a fazer desaparecer as distinções de classe.

INSTRUÇÃO

Em cada uma das seções, a instrução é orientada em vista de quatro objetivos principais. Ela tem por fim desenvolver:

1. O caráter e a inteligência, isto é, a virilidade e o sentimento de responsabilidade individual.
2. A habilidade manual, isto é, uma habilidade e um espírito inventivo pessoais.
3. O hábito de servir ao próximo, isto é, a cooperação e a boa vontade coletiva.
4. A saúde e o vigor físico, isto é, a energia individual, a resistência a alegria de viver.

O método consiste em obter do jovem que ele desenvolva essas qualidades por si próprio, em virtude de um incentivo pessoal interior e não por um ensinamento exterior imposto.

As atividades se apresentam de várias formas: exercício ao ar livre, jogos de conjunto, vida nos campos, etc.

Por exemplo – Quer-se desenvolver a faculdade de observação – um dos elementos constitutivos do caráter – ensinar-se-á a arte de seguir uma pista. É um estudo tão atraente quanto útil.

OPINIÕES AUTORIZADAS

Esse programa não é uma utopia pois já foi posto à prova e praticado em muitos países. E mais ainda: foi calorosamente aprovado em toda a parte pelas maiores autoridades em educação.

Contentar-me-ia em citar dois exemplos entre os numerosos testemunhos que possuo.

O Deão Russel professor de pedagogia na Universidade de Columbia (New York) escreve:

“É certo dizer que o programa escoteiro completa o trabalho da escola. Está organizado de tal modo, que quanto mais o estudares, professores, mais vos convencereis de que quando ele nasceu, havia sido uma enorme descoberta. O programa escoteiro é a tarefa de um homem reduzida ao tamanho da criança. Atrai-a, não só como criança, mas ainda como homem em formação. É este exatamente o ponto que produziu a falência de tantas organizações da mocidade.

O programa escoteiro não exige da criança nada que não constitua tarefa de um homem; mas a conduz do ponto em que a encontra ao que ela deseja alcançar. E o método escoteiro é ainda mais admirável que seu plano. Há qualquer coisa neste método, ousa dizer, que não se encontrará mais em parte alguma. Meus amigos, como conselheiro da mocidade, quero vos dizer: é minha sincera convicção, que nossas escolas não estarão à altura do nosso ideal se não lhe inocularmos, tanto quanto possível, o espírito e o método escoteiro; e se não fizermos com que o maior número possível das horas de lazer dos nossos rapazes sejam empregadas em um programa tão completo”.

O professor Russel diz ainda que está convencido de que quando os professores compreenderem seus deveres para com o Estado, quando compreenderem do que precisa o povo e o que é necessário que ele obtenha, quando medirem a profundidade do próprio patriotismo, quando se compenetrarem que sobre eles, mais que qualquer outra classe, repousa o futuro da pátria, não deixarão de lado sem ter experimentado, o instrumento que produz esses resultados.

Edmundo Holmes, o conhecido educador inglês, em seu último livro "*Give Me the Young*" demonstra esta tese "a prática deve proceder a profissão" e insiste na idéia de que, para corresponder às necessidades atuais, a educação precisa ser radicalmente reformada.

O método antigo pecou pela base porque desenvolvia no aluno o medo da punição, o desejo da recompensa, a vaidade e o espírito de competição, em vez de desenvolver a necessidade inerente à criança de se expandir e se manifestar. E, para exemplificar o que ele desejaria estabelecer, escreve: "É preciso procurar os princípios gerais que devem ser colocados na base da escola".

Em seguida, acha que uma indicação seria digna de ser seguida:

"O movimento escoteiro é o esforço mais profícuo que se tem realizado no terreno da educação dos adolescentes. E o seu sucesso é devido à habilidade com que responde a duas necessidades imperiosas da natureza humana: a necessidade de trabalhar para formação de si próprio e a de trabalhar como se para os outros.

Na filosofia da educação escoteira há sempre equilíbrio entre o "eu" individual e o "eu" coletivo. Conseguir e manter esse equilíbrio tal deve ser o principal objetivo de todos que se interessam pela educação da mocidade.

Aprender agindo e contribuindo para a formação de si próprio e não recebendo passivamente as idéias de outrem, eis o princípio. Era a esse princípio que se referia o professor austríaco Cisek, quando, respondendo a alguém que lhe perguntava como obtinha de seus alunos resultados tão espantosos, disse: "Abro-lhes as portas, os outros professores fecham-nas, eis a diferença".

Como observa o Sr. Edmundo Holmes, esta diferença é quase a diferença entre o bom e mau método de educação.

CONCLUSÃO

Há algum tempo que a ciência da educação estendeu o seu campo de ação muito além das paredes da escola e, especialmente, tomou uma expansão internacional. Procurei demonstrar, aqui, como um sistema de educação voluntária, baseado na boa vontade e no serviço mútuo, poderia ser estabelecido em relação à educação escolar e substituir o velho sistema em que a criança é educada ou em revolta contra uma disciplina de repressão, ou na satisfação de todos os seus caprichos.

Se esse novo método aplicado aos dois sexos fosse suficientemente propagado, exerceria, sem dúvida, uma influência visível sobre o caráter e o bem geral de uma nação.

Ele daria à atividade uma direção nova e contribuiria grandemente para a abolição da diferença de classes, para a substituição do temor pelo amor, as desconfianças pela mútua simpatia, a guerra pela paz.

Esse método procuraria formar caracteres independentes, fortes, cavalheirescos, ao mesmo tempo que encorajaria a atividade e o desenvolvimento físico. Seria, pois, capaz de desenvolver nos rapazes uma virilidade nova e nas meninas um caráter mais forte. Seria um substitutivo da educação militar e as proezas guerreiras tantas vezes exaltadas.

Se pudesse este método ser animado em todos os países, de modo que no mundo inteiro a nova geração se sentisse reunida por um vínculo intangível, contribuiria, notavelmente, para a abolição da guerra e a inauguração dessa era tão desejada de paz e de boa vontade entre os homens.

União dos Escoteiros do Brasil
Escritório Nacional
Rua Coronel Dulcídio, 2107
80250-100 - Curitiba - PR
Tel. (41) 3353-4732
www.escoteiros.org.br